

Albufeira, 1977-1978

O Serviço Médico à Periferia (SMP) foi realizado pelo meu grupo de 4, no 3º ano depois da sua criação, entre fevereiro de 1977 e janeiro de 1978, no Concelho que escolhemos, Albufeira, Distrito de Faro, onde havia igualmente 4 médicos residentes.

Tendo sido uma alteração marcada na nossa vida, aos 25-26 anos, 2 já com vida familiar e, no meu caso pessoal, uma filha de 2 anos e 2 meses – entendo que foi uma situação generalizadamente bem aceite, quer pelo espírito inerente aos médicos quer pelo ambiente vivido na altura do post-25 de Abril de 1974. No caso concreto de Albufeira, tinha havido atritos (ligeiros) entre os médicos locais e os dos 2 anos anteriores do SMP, o que nos motivou a combinarmos um jantar prévio, incluindo o Presidente da Câmara, melhor forma de criar ambiente descontraído e agradável, sendo prioritário arranjar alojamento.

Naquele ano quase não havia turismo – vivíamos no PREC (Processo Revolucionário em Curso) e fomos muito bem recebidos pela população e pelos lojistas, a começar pelos restaurantes que nos “disputavam” pelo que representava de publicidade e sobretudo porque não tinham muitos clientes.

Vem a propósito falar da falta de visão, que se mantém ao fim de 50 anos, e que é responsável pela ausência de médicos nas grandes cidades, no interior, mas também no litoral, nomeadamente no Algarve. A única habitação que nos propuseram, e a preços proibitivos (1/2 ordenado de cada um!), era num ermo, a 7 Km de Albufeira, sem estrada alcatroada e sem sequer estar ligada à rede elétrica – tinha geradores! Naturalmente, comuniquéi ao Presidente da Câmara que, dado que não íamos em turismo, voltaríamos para Lisboa e, quando arranjassem habitação, que nos telefonassem – ainda não havia telemóveis! Claro que a situação foi resolvida com uma moradia que dava para os 4, onde eu não precisava de ficar e não fiquei, no Centro da Vila e por um preço acessível – ainda durou para os 2 cursos seguintes.

Negociámos com os colegas o que era mais importante e passámos a garantir a urgência 24 horas por dia, 7 dias por semana, (antes só funcionava de manhã, nos dias úteis), fazíamos consulta nos postos, fizemos acções de Saúde Pública e sessões de esclarecimento nas várias freguesias e, para ajudarmos o grupo de Loulé, muito mais sobrecarregado, eu fiz consultas em Boliqeime, da área de Loulé. Vale a pena contar que, quando lá cheguei, havia acampamentos com fogueiras à porta para conseguirem consulta, como se continua a ver hoje por todo o lado. Chamei os responsáveis e comuniquéi que não aceitava aquelas cegadas – atenderia todas as pessoas independentemente da hora de saída e sem receber mais nada – estávamos em exclusividade. Apercebi-me que havia negócio de senhas – alguns dos que lá pernoitavam vendiam as senhas a quem de facto precisava. Em 15 dias não havia espera para consulta nas 4 horas, 3 vezes por semana que me competiam.

Mantivemos reuniões regulares com os colegas da terra e, como Delegado do grupo e representante do Distrito do Algarve mantive reuniões periódicas com a Administração Distrital dos Serviços de Saúde de Faro e com a Comissão Coordenadora Central do Serviço Médico à Periferia.

Ao fim destes quase 48 anos é com muito prazer que relembro este ano, de grande importância para a população e uma experiência muito enriquecedora para nós. Creio que é muito útil aproveitar estas informações para tentar corrigir os disparates, como a falta de alojamento, os miseráveis pagamentos e relativa desconsideração, que se toleram numa fase transitória e inicial da vida mas também fazer ver aos colegas mais novos que o trabalho em grupo e integrado numa hierarquia, devidamente baseada no mérito individual e sem critérios políticos, infelizmente prevalecente nas últimas décadas, é fundamental para a nossa evolução e estabilidade profissional e humana.

José Eduardo Mendonça Santos, gastroenterologista, 14.407 da Ordem dos Médicos